

OBSERVAÇÕES SOBRE A CAMINHADA BRINCANTE NA FESTA DE SÃO MARÇAL EM SÃO LUÍS/MA*

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca¹

Resumo: O presente trabalho aborda questões relacionadas à Festa de São Marçal ou Encontro de Bois do João Paulo, como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís – MA. A festa acontece em formato de cortejo, onde os brincantes se deslocam pela principal avenida do bairro. O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração festiva do bairro João Paulo, apresenta muitas curvas e passagens inventivas, poéticas e espetaculares, mobilizando outras instâncias simbólicas que são ressaltadas neste estudo. A partir das etnografias realizadas nos anos de 2013 a 2015, foi possível compreender aspectos dos encontros e afetações ocorridos na festa, principalmente no que diz respeito à espetacularidade dos brincantes no momento da caminhada e das paisagens que são criadas a partir desses deslocamentos.

Palavras-chave: Festa de São Marçal; Caminhada; Brincante; Espetacularidade.

Abstract: The present paper approaches matters related to Saint Martial's Festivity or Encontro de Bois do João Paulo, as is also known the celebration that happens annually on June 30th, in the neighbourhood of João Paulo, São Luís - MA. The celebration happens as a parade, as the players walk on the main avenue of the neighbourhood. The stride, even though it is on a straight road, typical of the festive configuration of João Paulo, figures many curves and inventive, poetic and spectacular routes; mobilising other symbolic instances highlighted in this study. From ethnographic research carried out from 2013 to 2015, it was possible to comprehend aspects of the contacting and affectations occurred in the merriment, mainly concerning the spectacularity of the players in the moment of the walk, and the landscapes created from this displacement.

Key words: Saint Martial's Festivity; Walk; Player; Spectacularity.

* Comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Etnocologia, de 12 a 15 de abril de 2016, Salvador- Bahia.

¹ Mestre em Arte contemporânea pela Universidade de Brasília. Licenciada em Educação Artística, hab. em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Maranhão. Professora de Arte da rede estadual de ensino. Integra o Grupo de Pesquisa Drao Teatro da (In)Constância. Secretaria de Educação do Estado do Maranhão. daniellefonseca@yahoo.com.br

Introdução

O presente texto tem como base a pesquisa de mestrado defendida no ano de 2015, pelo Programa de Pós-graduação em Arte, da Universidade de Brasília/UnB. A dissertação intitulada Tem mascarado na Festa de São Marçal: o brincante de Pai Francisco no Bumba meu boi em São Luís/MA, buscou compreender os modos de atuação dos



brincantes de Pai Francisco – que se apresentam mascarados – na Festa de São Marçal ou Encontro de Bois do João Paulo², como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo³, em São Luís/MA.

Para este momento, a escrita discutirá questões pontuadas de forma introdutória na dissertação e que agora ganham força analítica, sobretudo no que tange a caminhada como espetacularidade na festa de São Marçal, assunto a ser tratado neste artigo. O direcionamento temático acerca da caminhada foi se mostrando relevante à medida que leituras sobre os formatos das festas brasileiras foram sendo feitas, acionando o interesse em desenvolver uma análise mais detalhada acerca das práticas caminhanteras nas festas.

A partir das etnografias realizadas nos anos de 2013 a 2015, foi possível compreender aspectos dos agenciamentos ocorridos na festa de São Marçal, principalmente no que diz respeito à espetacularidade do brincante. Em busca de uma reflexão acerca das possibilidades que a caminhada oferece como criação, busquei articular os processos de construção e visualização assumidas pelo corpo, do corpo e no corpo brincante nas espetacularidades existentes na festa.

A especificidade do contexto presenciado é observada quando se tem a prática de considerar essa situação singular como produção de subjetividades, onde os brincantes reinventam outros espaços, tempos e formas de estar no mundo. É preciso pensar no momento festivo como instante inventivo, ao se colocar frente ao outro, o brincante assume uma atitude que visa ao encontro como razão e potência para se estar na festa.

Cabe, portanto, com essa iniciativa, colaborar com o registro e a difusão das pesquisas realizadas no campo da Etnocriologia – que estuda as práticas de comportamentos humanos espetaculares e organizados (PCHEOS) – e criação de um espaço de troca de experiência instigante que contribua

para o desenvolvimento das pesquisas na área, que olhem para o fenômeno de investigação na sua inteireza. O texto busca apresentar uma descrição e reflexão sobre os diversos momentos do Encontro dos Bois, suas ações caminhanteras, interações entre os brincantes, inclusive com o público.

A Festa de São Marçal: devoção, corporalidades, celebração e encontros no bairro do João Paulo

A festa de São Marçal ou Encontro de Bois é uma celebração que reúne milhares de pessoas no bairro do João Paulo, no dia 30 de junho⁴. A festa é reservada para o desfile dos grupos de Bumba meu boi do sotaque de Matraca⁵. Essa especificação a respeito dos envolvidos é de suma relevância, porque são eles que dinamizam e reelaboram a festa, levados por motivações variadas para sua presença no Encontro de Bois. Neste contexto festivo, os brincantes se voltam para agradecer ou pagar promessas a São Marçal, sendo essa uma das formas encontradas pelos brincantes/devotos para homenageá-lo (MARTINS, 2007).

Antes de comentar mais detalhadamente sobre a festa de São Marçal é importante levar em consideração os principais fazedores da festa e que dão sentido a ela, que são os grupos dos Bois⁶ de Ma-

² Apesar dos termos Encontros de Bois e Festa de São Marçal ser equivalentes, o uso deste último é mais usual entre os brincantes e frequentadores da festa.

³ A festa acontece na Avenida São Marçal, que recebeu este nome por conta de um decreto municipal.

⁴ O encontro se inicia nas primeiras horas do dia e o seu final ocorre somente quando o último grupo de Bumba boi encerra sua participação, o que acontece por volta das 22h.

⁵ O sotaque de matraca – ou da Ilha – é proveniente da região metropolitana de São Luís (São Luis, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar). A maioria dos grupos deste sotaque é proveniente dos bairros periféricos e contém forte presença de brincantes afro-maranhense. Distingue-se pelos pandeirões, tocados posicionados em cima do ombro; e as matracas, dois pedaços de madeira que são batidos entre si. A sonoridade e o bailado dos brincantes são mais lentos, mas com um ritmo muito marcado. Os brincantes dançam em roda em volta do boi, do amo, dos vaqueiros e da mãe Catirina e pai Francisco. Outros personagens característicos deste sotaque são: cabloco de pena, índia, burrinha, cabloco de fita.

⁶ Na capital maranhense, a manifestação cultural Bumba meu boi é conhecida por algumas denominações,



traca e seus brincantes. O momento festivo expõe as visualidades, diversidades estilísticas e sonoridades características dos grupos, bem como atualizações e práticas que são reinventadas no decorrer da festa. É relevante comentar que as reinvenções produzidas pelos Bois perpassam todo o universo da brincadeira, não se localizando apenas na festa de São Marçal.

No Maranhão, o Bumba meu boi é uma brincadeira bastante esperada no período junino e recebe esse nome genérico por conter, como elemento principal, um boi. Como produção material e de significados, a brincadeira elabora formas diversas de celebração, criando particularidades e adequações de acordo com o seu lugar de ocorrência.

O Boi de Matraca é uma manifestação realizada principalmente por pessoas que, em sua maioria, residem na região rural ou na parte periférica da Ilha de São Luís. No contexto social da brincadeira, o perfil dos brincantes é composto por pessoas de origem simples, as quais, quase sempre, trabalham em condições informais de trabalho, como feirantes; ou, em outros casos, desempenham funções que exigem muito esforço físico, como a profissão de pedreiro.

Apesar de o cotidiano dessas pessoas exigir seções diárias de energia e força para execução de suas atividades, a disponibilidade do brincante para se dedicar ao Boi ultrapassa qualquer impedimento que o impossibilite de brincar. Nesse sentido, Joana Oliveira, ao pesquisar as tarefas rotineiras das pessoas e sua relação com as atividades no Boi, aponta que “é importante lembrar que a própria brincadeira está relacionada com o período de descanso do trabalho pesado e cotidiano. [...] isso é paradoxal, já que a brincadeira exige preparo” (2006, p. 74). Nos termos explicitados, é nítida a presença do Boi em muitas dimensões da vida dos brincantes. Essas pessoas se organizam de maneira muito intensa a cada etapa da vivência boieira, o que leva a crer que essas mobilizações são compreendidas como um prolongamento de suas existências, carregadas de afetos, fé e potências.

mas na presente pesquisa utilizarei os termos: Bumba meu boi, Bumba boi, Boi e brincadeira em concordância com as pessoas integrantes do universo pesquisado que utilizam essas expressões para nomear o que fazem.

Cabe a partir de agora mencionar aspectos da Festa de São Marçal, onde destaco informações relacionadas ao seu histórico e à religiosidade maranhense, sobretudo, a católica⁷, que será discutido no intuito de compreender a relação do Boi de Matraca com a festa de São Marçal.

São poucas as fontes encontradas em dissertações e teses que dão informações importantes acerca do histórico da festa de São Marçal (ALBERNAZ, 2002; SANCHES 2003; BARROS, 2007; MARTINS, 2007). Mas mesmo entre esses trabalhos, nota-se que há divergências sobre o seu começo, existindo pelo menos duas versões que se sobressaem ao relatar as comemorações iniciais⁸.

A primeira versão relata que o pedreiro José Pacífico de Moraes, popularmente conhecido por Bicas, ao visitar um arraial situado no bairro do Anil, ficou tão encantado ao ver a apresentação dos Bois que decidiu convidá-los para dançar no ano de 1928 no bairro do João Paulo⁹.

A outra variante aponta que o início do Encontro de Bois¹⁰ é fruto das proibições e medidas repressivas que culminaram na instituição de limites territoriais e simbólicos, estabelecidas desde a primeira metade do século XIX, que autorizava apenas a prática boieira¹¹ longe do Centro da cidade. Neste

⁷ A prática religiosa da brincadeira não se restringe ao catolicismo, a encantaria maranhense também está presente na dimensão boieira. Para mais informações sobre a encantaria maranhense, ver o trabalho pioneiro e que é referência no estudo das religiões afro-maranhenses da antropóloga maranhense Mundicarmo Ferreti, intitulado *Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís, a Casa Fanti-Ashanti*.

⁸ Outro relato, pouco difundido, para o começo das apresentações seria que o evento teria sido um pretexto para prolongar a temporada junina na capital maranhense.

⁹ No período citado, qualquer festa pública teria que solicitar alvará de licença para sua realização.

¹⁰ Com base nas leituras acerca dos períodos de proibição, controle e restrição dirigidos ao Boi, a presente pesquisa considera os estudos que sinalizam esse contexto de resistência, como sendo o motivador da existência das práticas de se brincar Boi no bairro do João Paulo.

¹¹ Boieiro é a denominação que se dá tanto a quem in-

caso, o João Paulo “se constituía como o único arrial longe do mundo rural e próximo das zonas urbanas” (BARROS, 2007, p. 145). Desse modo, o bairro incorporava, na época, o sentido de desafiar os limites espaciais e simbólicos ao se apresentar como zona de fronteira (ALBERNAZ, 2002).

Na maioria dos grupos, o Boi é dedicado a São João. Os devotos brincantes se voltam para agradecer ou pagar promessas ao santo, sendo essa uma das formas encontradas por eles para homenageá-lo. Outros santos também recebem homenagens e são recebidos com festa no mês de junho como é o caso de Santo Antônio, celebrado no dia 13; de São Pedro, comemorado no dia 29; e de São Marçal cuja festa ocorre no dia 30.

Sobre a inclusão de São Marçal como padroeiro da festa¹², este ocorreu a partir da década de 1980, atribuindo à festa o caráter de celebração religiosa. A partir dessa nova dimensão simbólica que, de certo modo, já existia e sustentava as tramas da festa, o Encontro passou a se configurar como espaço de combinação celebrativa, unindo fé e diversão à festa boieira mais representativa para os Bois do sotaque de Matraca.

As relações que são criadas a partir da devoção a São Marçal são compostas de situações que carecem de um olhar mais atento, devido a uma situação curiosa e, por vezes, conflitante, diz respeito ao fato de São Marçal, apesar do nome, não ser considerado santo, posição bem diferente dos demais santos juninos citados, como Santo Antônio, São João e São Pedro. É interessante compreender que a relação de São Marçal com as práticas brincantes subverte por completo qualquer tipo de oficializa-

tegra o grupo de boi, como para os que acompanham a brincadeira (ALBERNAZ, 2002, p. 49).

¹² Uma situação curiosa diz respeito ao fato de São Marçal, apesar do nome, não ser considerado santo, posição bem diferente dos demais santos juninos, como Santo Antônio, São João e São Pedro. É interessante compreender que a relação de São Marçal com as práticas brincantes subverte por completo qualquer tipo de oficialização ou pressupostos canônicos seguidos pela Igreja Católica para atribuir santidade a alguém. Por conseguinte, a menção de São Marçal como santo respeita a vontade dos brincantes em reverenciá-lo como divindade protetora escolhida.

ção ou pressupostos canônicos seguidos pela Igreja Católica para atribuir santidade a alguém. Por conseguinte, a menção de São Marçal como santo respeita a vontade dos brincantes em reverenciá-lo como divindade protetora escolhida.

Neste sentido, a história da festa no João Paulo se confunde com a própria história dos Bois de Matraca. Desse modo, pode-se constatar que “a festa tem uma dupla importância: ressaltar a história da resistência dos realizadores do folguedo às perseguições policiais, e, atualizar os símbolos internos do ciclo do bumba boi” (ALBERNAZ, 2002, p. 53).

Destaco que participar da festa é a maior demonstração de respeito e compromisso pelo local que acolheu a brincadeira em tempos difíceis para o Boi. No Encontro de Bois, aspectos relacionados às produções artísticas e simbólicas merecem destaque ao evidenciarem os tipos e meios de contatos, caminhadas, visualidades, acolhidas, conflitos, saberes, corpos, jogos, negociações e encontros que trilham o território festivo e boieiro.

É caminhando que se brinca: aspectos da espetacularidade em São Marçal.

A questão da caminhada tem uma dimensão relevante nesta escrita, especialmente por apontar modos do existir na espacialidade festiva. Acerca dessa existência inventiva e provisória, a noção de espetacularidade é inserida na discussão por fazer parte da caminhada como acontecimento. A partir dessa perspectiva, a espetacularidade do brincante, é colocada em relevo pela escolha epistêmica da Etnocologia como abordagem. Sobre o termo espetacularidade Armindo Bião a destaca como “[...] interações humanas organizadas e extra cotidianas, inerentes a cada cultura” (2009, p.35). A interação humana se realiza em ações, que postas em distinção entre o que fazem e os que observam, onde sujeitos se movimentam e se organizam em função do outro.

A escolha pela abordagem etnológica se deve por proporcionar um viés de análise que leva em consideração a cultura local e suas práticas simbólicas dentro do seu próprio contexto de produção. Além disso, é igualmente importante ater-se ao fato de que a festa de São Marçal, dada a sua



complexidade, não se encaixa em acepções genéricas, sendo, portanto, necessário situá-la no espaço e no tempo dos sujeitos envolvidos nela. Desse modo, busca-se compreender os elementos que compõem o fenômeno a partir do afastamento de noções etnocêntricas, por não levarem em consideração a importância do outro e de seu contexto de elaboração.

A alteridade, um dos princípios basilares da etnociologia, é uma necessidade, por possibilitar conhecimento e respeito pela existência do outro, sendo esse contato mediado pelo próprio sujeito, destacando suas dimensões enquanto sujeito histórico e cultural, relação esta que não é isenta de conflitos e afetações. Desse modo, o professor Graça Veloso (2009, p.23) comenta que a perspectiva etnociológica visa à compreensão das “[...] construções materiais do ritual, suas significações religiosas, as interações delas advindas e, principalmente, seus aspectos estéticos, de espetacularidade”.

Como categoria de interesse da etnociologia, a festa e, neste estudo, a caminhada, são compreendidas como fenômenos que intensificam os sentidos e significados referentes ao corpo, à alteridade, à partilha e ao encontro. A caminhada pode ser também observada como uma possibilidade estética por excelência devido às suas múltiplas expressões e rituais, assim como as práticas culturais e simbólicas que nela se manifestam.



Imagem 1 - Início do cortejo do Boi. Foto: Danielle Fonseca. Junho de 2014.

A configuração da festa de São Marçal ocorre em formato de cortejo, os brincantes se deslocam

pelo corredor da avenida que mede de 300 a 400 metros e, na maioria das vezes, o percurso tem duração aproximada de 3 ou 4 horas, devido à grande quantidade de pessoas (brincantes e público) que acompanha a festa. Da mesma forma, Miguel de Santa Brígida ao pesquisar sobre os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, observa que

As narrativas que caminham, se deslocam, passam aos nossos olhos, trabalhando simbolicamente o tempo e o espaço, constroem espetacularidade singulares [...]. Não podemos esquecer que as narrativas de rua traduzem em suas práticas e poéticas não só uma questão estética, mas também uma ética, uma moral e uma política, enfim, uma maneira de viver em sociedade (2008, p. 41).

Desse modo, o cortejo revela uma maneira diferenciada de festejar. O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração festiva do João Paulo, apresenta muitas curvas e passagens inventivas, poéticas e espetaculares, mobilizando outras instâncias simbólicas. A condição movente garante aos praticantes o compartilhamento de vivências, a atualização e efetivação de outras. A caminhada surge como campo de interações artísticas, jogos e possibilidades de cena e “revela-se, então, como um estilo especial da espetacularidade popular brasileira” (BRÍGIDA, 2008, p.2). Como potência analítica, poética e discursiva, a caminhada, no contexto estudado, assume também uma dimensão espetacular na festa.

O caráter espetacular do cortejo com as suas diversas formas de interação e produção simbólica e estética, aponta para a festa de São Marçal como momento significativo de construção e efetivação de uma sociabilidade bem específica. Há aqueles que desfilam, aqueles que observam sem locomoção, outros acompanham, independente da intenção e prática festiva, todos integram a festa.



Imagem 2 – Foto de satélite de uma parte do bairro João Paulo.

Fonte: <http://wikimapia.org/#lang=pt&lat=-2.543926&lon=-44.272435&z=17&m=b>

Antes de iniciar o cortejo, os grupos se concentram na Avenida Kennedy –representada pela linha azul (Ver imagem 2). O início do desfile acontece na esquina do 24º Batalhão de Caçadores, designado pelo círculo preto. A ordem de entrada dos Bois na avenida é previamente acordada em reunião anterior. A disposição dos grupos se realiza em sequência, um após o outro, com certa distância do Boi anterior, para que não haja nenhum tipo de interferência que possa atrapalhar o desfile em curso. A participação do grupo se encerra na Praça Ivar Saldanha – círculo vermelho na imagem 2 –, onde há um palco montado para entrega de um troféu dado pela organização da festa para agradecer a participação do grupo. O ato marca o encerramento da participação do grupo na Festa de São Marçal, uma espécie de fechamento do ciclo festivo junino daquele ano.

Ao falar sobre o caminhar, não se pode desconsiderar a potência encontrada no repouso, no ficar parado. A pausa, dentro do contexto festivo pesquisado, é então percebida como situação vital que permite ao brincante dar continuidade à cena, à caminhada. Isso, entretanto, não significa pensar que na pausa não há criações ou feitura, muito pelo contrário, outras relações inventivas são estabelecidas e complementares a cena.

Portanto, a caminhada é compreendida como um conceito movente que visa a promoção de encontros. Neste aspecto, o deslocamento estudado não se localiza apenas na festa de São Marçal, mas deve ser atravessado por toda a prática da pesquisa, no intuito de adotar atitudes que levem em conta

o diálogo com outras instâncias argumentativas e interdisciplinares.

Lançar-se ao encontro, mover-se para existir e caminhar para brincar exige atravessamentos que só ocorrem quando o corpo está em movimento, que se desloca em sentidos variados ao desenhar marcas singulares, deixando rastros durante a sua passagem. A festa só começa a existir quando se caminha, os deslocamentos levam ao contato com paisagem festiva que não está concluída, o brincante tem a oportunidade de compor e acrescentar à cena já existente outras afetações e modos de existência.

Visualidades etnografadas: o que vi quando a caminhada atravessava a avenida.

A partir de agora concentro o relato no meu percurso de inserção do campo, com base nas etnografias realizadas nos anos de 2013 a 2015. Nessas imersões foi possível compreender aspectos dos encontros e afetações ocorridos na festa, principalmente no que diz respeito à espetacularidade dos brincantes no momento da caminhada e das paisagens que são criadas a partir desses deslocamentos festivos.

No ano de 2013, optei por realizar uma caminhada pela Avenida São Marçal no dia 29 de junho. A escolha desse dia para a visita deu-se por dois motivos: por ser a véspera da festa e pelo feriado do dia de São Pedro. Com o feriado, o fluxo de carros e ônibus diminui na Avenida São Marçal e, com o comércio local fechado, a quantidade de pessoas também é reduzida. Aproveitando a calma do dia e as condições propícias para ajustes e acertos, os organizadores e demais colaboradores realizam os últimos detalhes para o Encontro de Bois que acontece no dia seguinte.

Meu deslocamento até o bairro na véspera da festa significou uma boa oportunidade para conhecer a dimensão festiva que vai afetando o bairro antes mesmo de seu início oficial. Retomando a ideia da caminhada como proposta estética e, neste caso, de certo modo, etnográfica, minha passagem pela avenida buscava situar peculiaridades presentes nesse espaço preparativo que antecede a festa, momento esse que era resultante de um processo de múltiplos agentes. Nesse sentido, observei que



a existência do evento começava a ocupar não só os espaços físicos, como também o próprio corpo de quem já se preparava para a festa, antecipando os seus efeitos simbólicos e expressivos. Destaco que meu corpo também foi contaminado por essa energia que já atravessava o tempo e o espaço na avenida.



Imagem 3 - Avenida São Marçal momentos antes do início da festa. Foto: Danielle Fonsêca. Junho de 2014.

Na etnografia de 2014 optei por comparecer cedo ao João Paulo para acompanhar as primeiras horas da manhã do dia 30 de junho¹³, quando cheguei percebi que na avenida o tempo se expande, adquirindo outras qualidades e usos. Tais fenômenos acionam comportamentos e interações envolvidos de múltiplos interesses, o que caracteriza a brincadeira festiva de São Marçal.

A questão climática é outro aspecto relevante no Encontro de Bois por interferir, de certo modo, na espetacularidade dos brincantes. O horário da festa, que se inicia a partir das seis horas da manhã e se estende, na maioria das vezes, até as primeiras horas do dia seguinte, permite a circulação de um grande quantitativo de pessoas, dentre elas brincantes, público e vendedores que transitam pela festa em horários diversos.

No entanto, é visível que o quantitativo maior de pessoas ocorre no período compreendido entre meio dia e seis horas da tarde. Um dos motivos para essa concentração pode estar relacionado ao fim do horário de trabalho, já que algumas empresas e repartições públicas costumam dar expedien-

te apenas pela manhã no dia da festa¹⁴. Isso acaba limitando a participação do público ao período vespertino e noturno.

É importante ressaltar que o horário vespertino é marcado por intensa exposição solar e este aspecto foi analisado por afetar diretamente a espetacularidade do brincante. As condições climáticas da festa foram vistas como momentos a serem evitadas pelos grupos, isso reflete na espetacularidade do brincante, que se utiliza de mais pausas na sua caminhada, além de buscar sombra nas árvores expostas no canteiro da avenida.

A maioria dos Bois chega pela manhã ao João Paulo desejando iniciar o mais cedo possível o cortejo. No entanto, isso não garante ao grupo a entrada imediata no desfile. Os grupos chegam à festa sem horário definido para sua entrada na avenida, pois dependem do tempo utilizado pelo Bumba boi anterior para começar o seu desfile, com isso os brincantes podem passar por um longo período de espera.

Uma das alternativas encontradas pelos brincantes para driblar a monotonia da espera e aproveitar o tempo disponível é observar os desfiles que estão acontecendo na festa. Assim, de uma forma descontraída, o Encontro convida o brincante – com a mesma intensidade com que chama o público – a percorrer a avenida. Variadas são as intenções que levam o brincante a caminhar na festa, a seguir menciono uma delas por ter sido observada durante a etnografia.

Enquanto percorria o cortejo do Boi de Panquatira em 2013, observei que no grupo havia dois brincantes de Pai Francisco em cena. O jogo dos dois fluía de tal maneira que, em vários momentos, um parecia complemento do outro, pois ali nenhum estava se sobrepondo ao outro, demonstrando a afinidade cênica que perpassava a situação espetacular.

Ao surgir uma oportunidade, conversei com um deles e perguntei acerca dessa particularidade¹⁵, a resposta dada foi que o Pai Francisco do Boi do

¹³ Esta foi a única vez que eu consegui comparecer antes do início da festa, por volta das 5h00 da manhã. Nas demais etnografias minha chegada se dava por volta das 07h30.

¹⁴ No dia 30 é dado ponto facultativo nas repartições públicas municipais de São Luis.

¹⁵ Geralmente cada Boi possui apenas um brincante de Pai Francisco.

Maiobão – da esquerda – foi convidado por ele para participar do desfile. A partir da resposta dada pelo brincante, compreendi que o jogo praticado por eles era sustentado pela relação de amizade existente entre os dois, sendo esse o motivo principal que os unia no desfile do Boi de Panaquatira.



Imagem 4 – Dois Pais Francisco e burrinha no cortejo do Boi de Panaquatira. Foto: Danielle Fonsêca. Junho de 2013.

A cena descrita apresenta recortes de uma cartografia da festa, que devido a sua amplitude e dimensões ganha, a cada ano, novas paisagens, detalhes e contornos. Portanto, novas formas de conhecer e interagir na festa são experimentadas, resultando em objeto privilegiado para análise da sociedade e dos grupos em situação festiva.

Comparecer com seu batalhão pesado¹⁶ na Avenida São Marçal tem um simbolismo muito forte para o Boi, expressando sentidos variados como a consolidação e o fortalecimento das relações de solidariedade entre os grupos do sotaque de Matraca; a atualização dos símbolos representativos para a festa e o Boi; o agradecimento a São Marçal pelas apresentações; e a renovação do pedido endereçado ao santo para o outro período junino.

Conclusão

A caminhada do brincante na festa de São Marçal foi o pensamento que guiou a proposição deste texto, sobretudo os aspectos que envolvem a sua espetacularidade no decorrer do deslocamento.

Busquei enfatizar na minha escrita a abordagem do espaço festivo de São Marçal ao destacar seus aspectos relacionados a sua história, bem como os aspectos históricos, estéticos e sociais dos grupos de Bumba meu boi do sotaque de matraca, que foram discutidos no intuito de compreender a relação desse sotaque com a festa e quais são as produções que surgem a partir deste encontro. Tais práticas fizeram do Encontro de Bois a celebração da cultura boieira, marcada por contrastes e desafios sofridos pelos brincantes que vêem no Boi a possibilidade de praticar sua fé, colocando em destaque as expressões artísticas e religiosas presentes na brincadeira como momentos que são partilhados pelos grupos de Bois e pela sociedade maranhense.

O propósito deste texto foi de apresentar alguns apontamentos do que foi visto na festa, a partir disto compreendi que a espetacularidade do brincante e sua caminhada ganham amplitudes consideráveis no decorrer da festa. Esse fato é decorrente das ações e mobilizações que o brincante desenvolve, ao longo de anos de experimentações, ao se dispor para a feitura da brincadeira e para a participação na festa.

Ano após ano, o Boi se reinventa, criando novas poéticas e resignificando outras. A esse respeito, observei como a multiplicidade de processos de criação desenvolvida no momento da caminhada revela uma cartografia singular e rica de dimensões analíticas. A festa foi compreendida como espaço no qual o brincante cria e se reelabora a todo instante, executando ações e improvisando no decorrer de sua apresentação, resultando assim em uma tessitura gestual própria.

Encerro, por hora, sem pretensões conclusivas, com a impressão de que o estudo conseguiu, de certa forma, propor reflexões ao discutir como o encontro de Bois oportuniza os mais diversos olhares, capazes de revelar nuances das produções simbólicas e estéticas presentes nessa estrutura festiva, bem como as elaborações contidas no Boi do sotaque de Matraca.

¹⁶ Termo muito utilizado pelos brincantes do sotaque de Matraca para designar as pessoas que integram este sotaque.



Referências bibliográficas

- ALBERNAZ, Lady Selma. *O “urrou” do boi em Ate- nas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- BARROS, Antônio Evaldo Almeida. *O pantheon encantado: culturas e heranças étnicas na formação de identidade maranhense*. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, 2007.
- BIÃO, Armindo. *Etnocologia e a cena baiana: textos reunidos*. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- _____. *Estética Performática e Cotidiano*. In: *Performance, Performáticos e Cotidiano*. Brasília: UNB, p. 12-20, 1996
- BIÃO, Armindo; GREINER, Cristiane. (Orgs.) *Etnocologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BITTER, Daniel. *A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- BRÍGIDA, Miguel Santa. *O auto do Círio: festa, fé e espetacularidade*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 5, n1, Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/download/12596/9777>. Acesso em 5 de novembro de 2014.
- FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza. *Tem mas- carado na festa de São Marçal: o brincante de Pai Francisco no Bumba meu boi em São Luís-MA*. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília, 2015.
- MARTINS, Leda. *Performance do tempo espiralar*. In: RAVETTI, Graciela e ARBEX, Márcia (org.). *Performance, exílio e fronteiras*. Belo Horizonte, 2002, pp 69-91.
- MARTINS, Paulo de Tasso Alves. *A construção dialética do Encontro de bumba meu boi de matraca no Caminho Grande - João Paulo “Festa de São Marçal”*. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Maranhão, 2007.
- OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. *Catirina, o boi e sua vizinhança: elementos da performance dos folguedos populares como referência para os processos de formação do ator*. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília, 2006.
- SANCHES, Abmalena Santos. *O universo do Boi da Ilha: um olhar sobre o bumba meu boi em São Luís do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade federal de Pernambuco, 2003.
- SILVA, Silvia Sueli Santos da. *O Boi e a máscara: imaginário, contemporaneidade e espetacularidade nas brincadeiras de boi de São Caetano de Odivelas – Pará*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Universidade Federal da Bahia, 2011.
- VELOSO, Graça. *A visita do Divino: voto, folia, festa, espetáculo*. Brasília: Editora Thesaurus, 2009.